

# Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

## **GASPAR RORIZ: O PADRE-ARTISTA QUE GRITA POR GUIMARÃES.**

OLIVEIRA, Francisco José de Jesus

Ano: 2014-2015 | Número: 124-125

---

### **Como citar este documento:**

OLIVEIRA, Francisco José de Jesus, Gaspar Roriz: o padre-artista que grita por Guimarães. *Revista de Guimarães*, 124-125 Jan.-Dez. 2014-2015, p. 123-127.

---

Casa de Sarmento  
Centro de Estudos do Património  
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51  
4800-432 Guimarães

E-mail: [geral@csarmento.uminho.pt](mailto:geral@csarmento.uminho.pt)

URL: [www.csarmento.uminho.pt](http://www.csarmento.uminho.pt)



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons  
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

# GASPAR RORIZ: O PADRE-ARTISTA QUE GRITA POR GUIMARÃES

P.<sup>e</sup> Francisco José de Jesus Oliveira<sup>1</sup>

*Palestra-Homília na Comemoração dos  
150 anos do nascimento, do P.<sup>e</sup> Gaspar Roriz  
12.XII.2015. Igreja de São Francisco-Guimarães.*

Quis a Sociedade Martins Sarmento, da qual me apraz ser associado, e outras instituições a ela associada, nestes 150 anos do seu nascimento, apelidar o ilustre vimaranense Gaspar Roriz (nascido a 30.08.1865 - falecido a 07.03.1932) de Figura da Identidade Vimaranense, e quis a divina providência que nos reuníssemos nesta Igreja de Francisco de Assis, o santo da obediência feita pobreza de entrega e confiança a Deus e aos outros, da qual Gaspar Roriz foi comissário, no Domingo da Alegria deste Advento de 2015. Mas para nós, os crentes do Cristo nascido em Belém, não há coincidências. A *Alegria* era uma marca do seu conviver com a *moçarada nova* e com os mais vetustos e austeros da nossa sociedade vimaranense do fim do século XIX e princípio do século XX. A *alegria do Homem Novo* fez deste arauto da Boa Nova um mensageiro construtor de humanidade na terra que o viu nascer, onde cresceu em estatura, na fé e nas letras, traçando laços de amizade que o projectaram como um dos grandes da *geração de 95*, na audaz tarefa de restituir a Guimarães o que os políticos lhe queriam roubar.

Assim escreveu no seu Pregão do Bando Escolástico de 5 de Dezembro de 1924:

“E neste inferno imenso, em que nos debatemos, num mal-estar geral, numa situação crítica, demónios há aos mil!... Mas o pior dos demos é, como vós sabeis, o demo da Política...”

---

<sup>1</sup> Sacerdote da Igreja Católica. Investigador da Faculdade de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Católica Portuguesa - [franoli@sapo.pt](mailto:franoli@sapo.pt)

Ó génio de Bordalo, Artista criador de tipos nacionais!

Talvez fosses à forca, mas tu dirias sempre:

- “A Porca está maior, a Porca está mais suja, a Porca está mais porca”.

Contudo, de onde lhe brota este fel? Porque se sente indignado o homem alegre? Nascido depois de Guimarães, a sua querida terra, vetusta de história e velha de tradições, ter sido elevada por Sua Majestade, a Rainha D.<sup>a</sup> Maria II, a Cidade, a primeira do Reino sem ser sede episcopal, ele presenciou duros golpes que a Lisboa centralizadora lhe tinha dado, não raras vezes em favor da augusta vizinha. Depois da glória vimaranense, alguns parecem quer deixá-la de novo na penumbra da história... Mas *Araduca*, Cidade das Letras, mais uma vez ressurge no brado forte dos seus filhos e naqueles que a adoptaram como sua mãe. Bem gritava o Padre Gaspar Roriz – *POR GUIMARÃES*. E assim continua no mesmo Pregão supra citado

“Querem levar-nos tudo!... Avaros e forretas, nem poupam o Liceu... Que negra e triste vida! Tiraram-nos o sexto e o sétimo de letras: ficámos com um liceu de via reduzida...

Só sábios temos, pois: estudantes, professores, sábios somos, oh! Sim! Altas celebrações.

Mas poetas não há, não temos oradores!...

Ai, pátria de Vieira, ai, pátria de Camões!

Chamaram-te Araduca as gerações passadas,

mas hoje, Guimarães, quero chorar contigo: as letras que tu tens são letras... protestadas...”

Depois da magnífica Exposição Industrial, o seu projecto subsequente é ameaçado pela crise internacional que impede em todo o seu esplendor o desenvolvimento industrial de Guimarães, e, conseqüentemente, o audaz desejo de uma escola de formação profissional (hoje a Escola Francisco de Holanda) com o que de melhor, em técnicos e máquinas, existia então. Só a tenacidade dos vimaranenses não deixou que tal desiderato se perdesse, embora enfraquecido no seu alcance. Duro golpe e largas feridas a tratar...

A machadada que se segue afecta a alegria e o orgulho de Guimarães, sempre vivendo e crescendo à sombra da Real e Insigne Colegiada de Nossa Senhora da Oliveira. A reorganização dos liceus, “como estabelecimentos forçados para preparatórios das profissões liberais, rouba a Guimarães a maior parte do seu contingente académico” [vid. “O S. Nicolau em Guimarães”, de Domingos Silva in Revista de Guimarães, XXXIII (1923) 2-3, p. 176]. De centro académico importante, no Instituto Escolar de Nossa Senhora da Oliveira, os estudos tanto serviam para as carreiras civis, como para as carreiras eclesiásticas, fica em 1884 reduzido a um Seminário. As festas dos estudantes, que João de Meira apelidou mais tarde de Nicolinas, estão suspensas entre 84 e 95 do séc. XIX. A geração de 95, que conta com Jerónimo Sampaio, Bráulio Caldas, José de Pina e muitos outros, e o nosso ilustre vimaranense, Gaspar Roriz, hão-de recuperar a nossa ancestral tradição em gáudio que ainda celebramos e preservamos. Para isso há-de contribuir o apelo da Câmara ao governo que nos restitui o Liceu, Seminário-Liceu, que faz regressar os estudantes de Trás-os-Montes e Entre-Douro-e-Minho à Augustíssima Araduca: voltou a mocidade antiga e a alegria está de volta; as festas ressurgem.

Talvez quatro são os Pregões de São Nicolau por si redigidos, mas sempre, sem dúvida, fervoroso animador da nossa tão feliz festa, onde a fé se une em humanidade e sem cabrestos de um moralismo bacoco. Ainda, em todas as noites de 29 de Novembro, de todos os anos, se escuta o seu grito: rufai caixas e bombos, Por Guimarães.

Orador sagrado, poeta, jornalista e autor, deixou-nos peças teatrais, Bandos e recitativos, bem como danças; cultivou a sua vida e a daqueles que com ele tiveram a alegria de conviver – bem dizia Guerra Junqueiro: “Viver é conviver” – sem deixar de lutar por tudo aquilo em que acreditava com coração e alma. Contudo, o como não raras vezes acontece, os homens livres na fé e nas letras incomodam sempre os instalados. O poeta, Gaspar Roriz, na sua mais nobre aceção, faz amanhã, dia 13 de Dezembro, 115 anos, bem aqui ao lado, na Igreja de São Dâmaso (ilustre filho da nossa terra e Papa da Igreja) foi impedido de pregar o sermão da missa da festa de Santa Luzia. Homens de vista curta queriam impedir o olhar atento e alegre de quem vive com convicção a sua fé e a sua

humanidade como vimaranense e português. A sua oratória parecia incomodar alguns... Bem nos alertou Teixeira de Pascoaes – “A Poesia não está com os sacerdotes do Templo, está com os Profetas do deserto”. Mas nada o demovia, as suas convicções e o seu amor maior a Guimarães e as suas gentes empoleiravam-no no alto do seu grito.

Eis o Hino que ele escreveu, e que nós adoptámos como nosso, que canta a terra que lhe deu o ser e o sentido

“Terra bendita, oh! Pátria querida,  
 (...)
 Oh! Guimarães, teu progresso, tua vida  
 Sim, é toda a nossa aspiração”

Guimarães, mais uma vez, é o alimento maior e o sentido único do seu existir, a *Íncrita Cidade*, marca a nobreza da sua vida, sendo egrégia na sua história e tradições, pretende que continue a caminhar prá frente – “caminha avante, conquistando a glória” – que lhe roubaram, ou que ainda lhe querem roubar, e desafia-nos a exhibir a história – “Exibe altiva, oh! Pátria a tua história” –, terra de Santiago e de São Torcato, mãe do ilustre filho São Dâmaso, berço de Afonso Henriques e de Gil Vicente, chão sagrado da devoção a Maria, Santa Maria de Guimarães, Senhora da Oliveira. Aqui nasceu a pátria portuguesa que na cruz encontrou abrigo e na ousadia de navegar deram novos mundos ao mundo. Da nossa língua se vê o mar, diria Fernando Pessoa, mas sem Guimarães outro seria o nosso idioma e outro o nosso mar.

Guimarães brilha no seu olhar e no seu pensamento, reza e escreve como vimaranense, fiel a Cristo e à Sua Igreja, mas sempre ousado soldado da sua Cidade e concelho, a sua terra, que quer ver como a maior de todas... O seu orgulho não lhe tolda o pensamento, mas escancara-lhe a imaginação para a promover entre as maiores da pátria. Foi em 1906, na sua genial iniciativa, com José Pina e a ACIG, pretendendo reabilitar o comércio e a indústria vimaranense, que cria as Marchas Milanezas. Estou convencido que *hoje ficaria triste* com o que fizeram à *sua marcha*, dita de gualteriana, e ocupando (ou pretendendo ocupar) o lugar que pertence à Senhora da Oliveira, Padroeira de Guimarães,

padroado que partilha com São Torcato e São Dâmaso. Hoje, como eu, estaria na linha da frente para a *reconquista do esplendor da Festa da Padroeira de Guimarães*. Tendes dúvidas? Ide ao seu túmulo na Atouguia e vede, vede bem, o que encima o mesmo: a Cruz de Cristo e o escudo de Nossa Senhora da Oliveira. Ser vimaranense passa, forçosamente, por aqui, e não só pelo castelo e tudo o que se lhe seguiu...

Sempre Guimarães lhe mereceu dedicação extremosa, constando que no seu último discurso em público (em 1928), na celebração dos 800 anos da Batalha de São Mamede, enquanto a bandeira era içada na torre de menagem lhe escorriam as lágrimas pelo rosto abaixo. A. L. de Carvalho foi testemunha.

Chora Guimarães. Chegado o dia 07 de Março de 1932 Gaspar Roriz encontra-se com o Deus em quem sempre acreditou, e os sinos das muitas igrejas do burgo anunciam aos seus amados concidadãos a partida de seu meio de filho tão ilustre e que tudo fez para recuperar a *glória e a formosura da Cidade das Letras, Araduca*. Como diria o Comércio de Guimarães, de 09.03.1932, parte, a “alma sempre moça e espírito alegre”, “para onde não mais se volta”. Merece, sem dúvida, o epitáfio de Figura da Identidade Vimaranense.

Sejamos, ilustres filhos da Igreja (na fé que Santiago Apóstolo nos passou) e de Guimarães, Filhos de Santa Maria, e irmãos de São Torcato e São Dâmaso, sejamos dignos do gládio de Afonso Henriques e continuemos a conquistar para Guimarães a grandeza que é sua e que bem a merece. Mas façamo-lo sem pieguices, nem meias palavras, mas com a ironia que Gil Vicente, nado nestas terras entre o Ave e o Vizela, com sabedoria nos deixou. Que os grandes vimaranenses, e o seu povo, por mais humilde que seja, nos inspirem nesta batalha, mas que as ilustres gerações do século XIX e princípio do século XX, como Martins Sarmiento e Gaspar Roriz, cultos e cidadãos comprometidos, nos façam quebrar este gelo do *politicamente correcto*. Guimarães é grande e nobre, já Francisco de Assis o reconheceu ao enviar os seus mensageiros, como Gualter, mas não nos podemos demitir, nunca, de cumprir o grito de Gaspar Roriz – Por Guimarães.

Tenho dito...